

# Boletim de Ocorrência



Por  
**Celito De Grandi**

Ø34

# Pela honra do filho

O assassinato de um jovem às vésperas da formatura é o caso deste domingo da série que lembrará, em 2012, crimes que abalaram o Estado

Sempre quando a ordem natural da vida se inverte, na realidade crua de tragédias cada vez mais frequentes, a dor de quem sobrevive é inimaginável.

Como saber o que sente a mãe ou o pai que perde o filho quando este está no auge da juventude e de suas potencialidades?

Não esqueço o olhar desesperado de meu pai, então já doente, no dia em que seu filho, Luizinho, três anos mais jovem do que eu, foi assassinado, em 1988, por três delinquentes à procura de dinheiro para a compra de tóxicos.

Só quem passou por drama igual pode avaliar.

“Metade de mim baixou naquele caixão”, escreveu este mês, 10 anos depois de ver seu filho morto, o empresário Luiz Fernando Oderich.

vor. O casal foi aplaudido de pé pelos colegas em lágrimas.

O pai revelou que Max tinha dificuldades de audição e, na noite em que o atacaram, ele estava sem os aparelhos auditivos, o que pode ter contribuído para sua morte.

Passados 15 dias do crime, a polícia reconheceu não ter qualquer pista.

Dez anos depois, Luiz Fernando Oderich afirma que cometeu, ali, seu primeiro erro:

– Soubesse o que sei hoje, não iria me ocupar tanto com o enterro, naquele sábado. Teria contratado um detetive particular em vez de deixar tudo nas mãos da polícia. Para se ter sucesso numa investigação, é essencial que as coisas sejam feitas nas primeiras horas após o crime. E só fui pressionar a polícia 48 horas depois.

Oderich ofereceu ajuda, propôs-se a financiar investigações, mas o delegado não aceitou:

– Ele disse que um crime como aquele era prioridade, praticamente garantiu que os assassinos seriam presos logo.

Hoje o inquérito está arquivado, sem suspeitos.

Já na missa de sétimo dia, Luiz Fernando e Maria Isabel decidiram não apenas chorar pelo morte do filho, até porque esta é uma dor infinita.

Partiram para a ação solidária e propositiva. Depois da publicação de um artigo em Zero Hora no qual Luiz Fernando cunhou a expressão “Brasil sem grades”, reuniram amigos e familiares para criar uma ONG, com o mesmo nome ([www.brasilsemgrades.com.br](http://www.brasilsemgrades.com.br)).

– A minha geração tinha lutado contra grades invisíveis, pela ação do Estado, ao tempo da ditadura. A geração de Max vive atrás de grades reais pela omissão do Estado – explica Oderich. – Decidi exigir ações concretas do governo. Não há dinheiro? Mas a sociedade brasileira entrega para o Estado quase 40% de tudo o que ganha e produz.

A ONG já contabiliza os resultados de uma campanha por maior controle da natalidade no Estado e prega uma política mais dura para a legislação e as execuções penais.

– É preciso mostrar aos bandidos que aqui o sistema é sério.

Para minorar a dor de um pai que perde o filho único, o melhor caminho é conseguir salvar a vida dos filhos de outros pais.



**Em cerimônia comovente, pais de Max foram aplaudidos de pé ao receber o diploma do filho**



**Sem identificar os autores do crime ocorrido há 10 anos no bairro Floresta, polícia arquivou o inquérito**



**Depois do assassinato do estudante, Oderich, familiares e amigos de Max decidiram lutar contra a impunidade com ações que atacam as raízes da criminalidade**



ARQUIVO PESSOAL, BD

**Aos 26 anos, Max Oderich foi morto por assaltantes em 2002**

## O crime

**Vítima:**  
Max Fernando de Paiva Oderich

**Época do crime:**  
Agosto de 2002

**Cidade:**  
Porto Alegre

**Principal suspeito:**  
Não identificado

**Motivação:**  
Financeira

Na Unisinos, uma semana depois, o pai e a mãe foram buscar o diploma de conclusão de curso do filho. No trabalho final, ele havia recebido nota máxima, com lou-